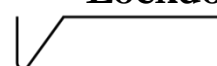


## Lockdown Limbo<sup>1</sup>



Dylan Riley<sup>2</sup>

Tradutor: Julio Tude d'Avila<sup>3</sup>

### Resumo

Reflexões pessoais-sociológicas em um ano pandêmico. Do consultório médico ao seminário virtual, Kentucky rural à afluyente Berkeley, isolamento doméstico como divisão do trabalho, e aparências e realidade de uma ordem social maior

**Palavras-chave:** Lockdown. Coronavírus. Sociologia. Isolamento. Política.

### Abstract

Personal-sociological reflections on a pandemic year. From hospital consulting room to virtual seminar, rural Kentucky to affluent Berkeley, household isolation as division of labour, and appearances and realities of the wider social order.

**Keywords:** Lockdown. Coronavirus. Sociology. Isolation. Politics.

## 1

O que é “isolamento” social – distanciamento, quarentena? Um paradoxo: o isolamento é um fenômeno irredutivelmente coletivo. Isso ocorre em dois sentidos. Primeiro, o isolamento depende de uma vasta rede de trabalho cooperativo que o torna possível. Bens produzidos em campos e fábricas continuam a chegar a nossa porta, empacotados em armazéns, despachados em mercearias e finalmente entregues por meio

---

<sup>1</sup> Título Original: *Lockdown Limbo*

<sup>2</sup> Professor de Sociologia da Universidade da Califórnia, Berkeley.

<sup>3</sup> Graduando de Ciências Sociais na USP e Psicologia no Mackenzie.

de motoristas e serviços postais conectados via aplicativos. Apenas esse trabalho coletivo permite nos “isolarmos”. Isolamento é, portanto, uma expressão de divisão social do trabalho e um fenômeno de classe e raça baseado em condições materiais específicas: recursos suficientes, segurança de renda, independência de trabalho. Não há espaço para moralismo aqui.

Existe também uma dimensão experiencial do “isolamento coletivo”. Estar isolado entre outros que estão isolados é inteiramente diferente da experiência de estar isolado entre pessoas que não estão. Isolamento não é o estado de estar sozinho. Se isolar é uma experiência completamente comum. Me sinto paradoxalmente mais conectado a amigos, família e entes queridos mesmo por meio da mediação tecnológica. (Mas a tecnologia é assim realmente tão decisiva? Certamente vídeo-chats são bons, permitindo a recriação de toda vida social em um ciberespaço. Mas e se só tivéssemos telefones, ou o correio, seria diferente?) Estar isolado quando os outros estivessem conectados seria horrível. É outro tipo de experiência. Isolamento é uma forma de comportamento de grupo; estar isolado é fazer parte de uma coletividade. Poderia existir uma política do “isolamento”?

Isolamento também é uma expressão de comunidade, de cuidado com a comunidade. “A melhor coisa que você pode fazer por seu país é ficar em casa”. Assim recomenda a imprensa liberal. Portanto, uma inversão. A sociabilidade se torna uma expressão de individualismo patológico, negligência, egocentrismo. O isolamento se torna um dever patriótico. (Mas muitas vezes suas pré-condições materiais são negadas.)

## 2

*Caminhando.* Hegel ensinou que, no Estado moderno, o indivíduo passa a se reconhecer como cidadão ao reconhecer a cidadania de todos os outros em uma comunidade política. A cidadania é, portanto, uma estrutura espelhada de reconhecimento mútuo. O coronavírus, no entanto, impõe uma nova estrutura de reconhecimento. O fenômeno é evidente até na atividade mais mundana: dar uma caminhada. Os caminhantes, em pequenos grupos de coabitantes ou solitários, cuidadosamente mantêm distância de outros. Se seus caminhos se cruzassem, eles formariam uma elaborada rede de tranças, quando cruzarem as ruas repetidas vezes. Mas qual estrutura de reconhecimento é essa, que produziu a distância ambulatória do caminhar na era do coronavírus? Primeiro, é

certamente uma estrutura de reconhecimento. Os caminhantes são muito mais atentos uns aos outros do que seriam normalmente. Não se vê mais o solitário caminhante de mente vazia, individual, da era pré-vírus. São caminhantes cuja dispersão é mutuamente coordenada por um esforço coletivo sustentado. Mas o que cada caminhante ou grupo de caminhantes vê em todos os outros caminhantes? Simplesmente isso: a ameaça de morte. Cada caminhante é um potencial vetor de doença. Mas, em homologia com a estrutura espelhada da cidadania, ao os ver outros como um vetor, cada caminhante se vê como vetor também. O reconhecimento mútuo não é o reconhecimento mútuo de um estatuto político, mas biológico. Como tal, também é totalmente universal. Consequência: o vírus, ao sublinhar esse status totalmente universal, também transforma em absurdo qualquer instituição que confina, restringe os movimentos ou força o contato. A prisão, a fronteira, a linha de montagem, o armazém da Amazon, como justificar qualquer uma delas na era que nos força a enfrentar a universalidade da condição humana: incubadora de vírus.

### 3

*Soma.* Os cuidados de saúde podem ser uma mercadoria? Nos EUA, todo “serviço” tem seu preço. Conceitualmente, a provisão de assistência médica nesse sistema é pensada do mesmo modo que a comida era precificada e entregue por cafeterias populares na década de 1970. (Ainda lembro carinhosamente do gosto ligeiramente pastoso do purê de batata “Blue Boar”, cujo sabor nunca pôde ser reproduzido em casa com um tubérculo de verdade.) De todo modo, o médico é conceitualmente um “servidor” que oferece ao “cliente” um determinado item. O soberano paciente/consumidor pode então escolher entre as opções: você gostaria de um acompanhamento de enfermagem com sua quimioterapia? É sempre bom completar seu tratamento com uma dose extra de conselho nutricional. Temos duas diferentes opções de tratamento que você pode seguir: você é livre para escolher, assim como é livre para escolher o frango, a carne ou o peixe na cafeteria. Mas, é claro, a forma mercadoria é inteiramente inapropriada para o “serviço” em questão oferecido: saúde. Por que isso funciona assim?

Primeiro, claro, porque o “paciente/consumidor” é fundamentalmente ignorante e está na relação de um leigo com um especialista no contexto da saúde. Tudo isso é obscurecido pela linguagem falsamente demótica da “capacitação”, que impõe ao paciente

“assumir o comando” de seu próprio cuidado. Mas o motivo pelo qual o paciente procura médicos, enfermeiras e especialistas é que eles são especializados: eles não estão oferecendo “serviços”. Na verdade, presumivelmente eles estão em uma posição para determinar que “serviços” tem alguma utilidade para o paciente. Mas a forma mercadoria mina a relação especialista/paciente ao estabelecer uma falsa soberania dos pacientes. (Inevitavelmente, isso é reforçado pela onipresente pesquisa de satisfação do cliente. *Você gostou da sua experiência cirúrgica?*) O imenso sistema de saúde nos EUA tem como premissa a ficção do paciente como consumidor soberano: a realidade é ansiedade e perplexidade.

O segundo problema colocado pela forma mercadoria é que os “serviços” de saúde violam o conceito de utilidade marginal. Não há razão para pensar que a “utilidade” de uma unidade de saúde adicional irá eventualmente diminuir conforme o número total de unidades de saúde consumidas aumente. Isso ocorre porque “utilidade” aqui não é uma acumulação quantitativa, mas um estado qualitativo: *saúde*. Esse estado não pode ser reduzido em qualquer série de unidades fungíveis, e é por isso que, por sinal, afirmar que “saúde é riqueza” é absolutamente falso.

O terceiro problema é que a provisão de assistência médica não pode ser descrita por uma curva de indiferença: duas cirurgias de peito aberto e uma apendicectomia não podem ser substituídas por um transplante de rim e uma remoção de catarata. Os cuidados médicos só fazem sentido em relação a uma *doença específica* e tem como objetivo restaurar seu destinatário a um estado específico.

#### 4

*Os ricos.* Adesivos de para-choque as vezes encapsulam situações políticas inteiras. Avistado ontem nas colinas de Oakland: “Taxem os ultra-ricos”, colado em um Audi-SUV de última geração. O adesivo era da campanha Warren. A extrema dispersão de renda e riqueza no mais alto topo da distribuição produz esse tipo de coisa. Aí, então, não: “Taxem os ricos”, ou até “Taxem os muito ricos”, mas “Taxem os ultra-ricos”. “Ultra-ricos”? Presume-se que a categoria não incluía proprietários de Audi que moram em Oakland. O slogan exemplifica a fraqueza do “progressismo” americano; sua coalizão social é fortemente baseada em uma classe média alta que devemos assumir ser mais defensora da taxa sobre os “ultras”, mas que teriam pouco interesse em arcar com grandes cargas de

imposto. A coalizão política do Partido Democrata atual depende da geração de uma quantia suficiente de receita fiscal para sustentar a parte de baixo dessa aliança sem *nunca* ultrapassar os limites do topo. “Ultra” mostra o limite mais alto com clareza.

## 5

*Futuros passados.* Duas cesuras dividiram o último ano entre antes e depois por um abismo aparentemente insuperável. A primeira ocorreu no dia 11 de março de 2020, um dia antes do aniversário da minha esposa, quando tomamos a decisão final de ir para Napa e a pandemia começou para nossa família. A segunda foi no dia 24 de agosto, quando nossa família foi abalada por notícias médicas devastadoras. O passado mais recente parece tanto muito próximo quanto inatingivelmente distante. O passado de rotina normal, de dirigir para as aulas, encontros de corrida, universidade etc. foi-se embora. Mais dolorosamente perdido é o futuro daquele passado. O que nos aguarda? Isso me atormenta incessantemente. Não está mais contido no horizonte de um projeto. O conselho que recebi, que talvez pareça sensato, é viver no presente – orientar o tempo de outro modo. Mas o problema é que o futuro é uma parte tão importante do presente ou do agora que é impossível seguir esse conselho.

## 6

*Petite Bourgeoisie.* Entre os muitos processos econômicos em desenvolvimento, um parece particularmente importante: a agonia da pequena burguesia. Meu filho e eu tivemos uma conversa interessante com um dono de loja etnicamente tibetano. Ele lamentou a forma corrupta como está sendo distribuída a assistência governamental no “Paycheck Protection Program”. Ele tentou aplicar para um empréstimo, mas o banco nem lhe explicou como preencher os formulários. Ele também denunciou, no entanto, a inconstância das ordens de ficar-em-casa do governo da Califórnia. Ele contou o caso de um amigo seu, dono de restaurante, que tinha gastado milhares de dólares para construir mesas ao ar livre e comprar aquecedores; o investimento foi uma perda total, já que o restaurante foi forçado a fechar novamente, dias depois de ser aberto. É evidente que a política deste grupo, proprietários de lojas e restaurantes de pequena escala, será crucial no

próximo período. A pequena burguesia se sente esmagada entre os ricos conectados, atendidos pelo governo federal, e as medidas de saúde pública que ameaçam sua sobrevivência econômica. Muita inteligência política será necessária para evitar sua radicalização para a direita.

## 7

*O Capitólio.* A “insurreição” de três dias atrás (escrevo isso no dia 9 de janeiro), desencadeou, entre outras coisas, uma “disputa de classificação”. Os participantes são “terroristas”, “manifestantes”, “patriotas” ou uma “turba”? Essas não são apenas descritores, mas também armas em uma luta política. O que pode ser dito além do que já foi posto na discussão midiática supersaturada? As observações a seguir são largamente baseadas em um vídeo de 30 minutos feito por um dos participantes, que é uma espécie de documento histórico instantâneo. Talvez seja útil começar com um encapsulamento da descrição emergindo na mídia tradicional. Ela afirma, basicamente, que a “turba” era composta por supremacistas brancos cuja intenção era derrubar a democracia. Como evidência, os jornalistas apontam para a presença de neonazistas e entusiastas nostálgicos da Confederação na multidão, além de sua composição esmagadoramente branca.

Mas existem problemas nessa descrição. Surpreendentemente, a multidão continha algumas pessoas de cor; ela não era homogeneamente branca. Mais importante ainda, a demanda básica dos “insurrecionistas” foi que uma eleição roubada fosse corrigida. Isso era acoplado com a alegação de que o Capitólio era “nosso” e que o regime de representação vigente era dominado pelas “notícias falsas”. Até onde posso ver, talvez mais evidências possam qualificar esse julgamento, as demandas explícitas de supremacia branca eram incomuns. O que fazer de tudo isso? O ponto é que em suas próprias visões os ocupantes eram democratas com “d” minúsculo, agindo como tiranicidas Jeffersonianos. Eles viam o Capitólio como uma iníqua cova de corrupção. Estão errados?

Outro ponto levantado pela mídia, e que até Biden adotou, é a comparação entre como foram tratados esses manifestantes e os militantes do Black Lives Matter em Lafayette Square no verão. Celebidades e personalidades da mídia têm corretamente chamado atenção à diferença de atitude da polícia com um grupo extremamente dividido racialmente, no verão, e um majoritariamente branco e velho no Capitólio. A conclusão, feita por

muitos, é que a atitude da polícia também é uma manifestação de supremacia branca. Mas uma análise mais cuidadosa é exigida aqui. A *forze dell'ordine* nunca trata manifestantes de direita e esquerda de modo simétrico. Isso ocorre porque a polícia representa, entre outras coisas, uma cristalização específica do poder de classe; ela não é um terceiro elemento acima da disputa. Esquerdistas e progressistas deveriam ter uma visão clara sobre isso em vez de fingir indignação e surpresa.

Concretamente, as massas que invadiram o Capitólio eram claramente mais sociologicamente próximas da polícia que os manifestantes do BLM: racial, profissional, educacionalmente. Essa proximidade também encontrou expressão na simbologia dos manifestantes: gritos de “USA”, dezenas de bandeiras americanas enfeitadas, a bandeira jeffersoniana, além de um punhado de bandeiras confederadas de luta. Eram, em outras palavras, majoritariamente a parafernália decorativa do nacionalismo americano. Tais símbolos, que claramente tem um efeito de desarmar mentalmente a polícia, nunca seriam dominantes em um protesto do BLM. Um pensamento final que poucos observaram, mas que é óbvio ao ouvir o que a multidão realmente disse. A definição mais comum dos “insurrecionistas” para o inimigo era “socialismo”, às vezes misturado com “comunismo” e “marxismo”. É surpreendente que sempre que a direita radical procura definir o seu outro, são sempre essas palavras que emergem. Talvez seja importante levar a sério a autodefinição de direita, em vez de tratá-la como um disfarce para outra coisa.

## 8

O *Centro*. A história italiana é um armazém infindável de exemplos e analogias amplamente aplicáveis à política de sociedades capitalistas. Um que pode ser útil nos tempos que vem é o *centrismo*: um termo cunhado por cientistas políticos para descrever a complexa política de coalizão da *Democrazia Cristiana* no período depois de 1948, quando os comunistas tinham sido definitivamente excluídos de um papel de governo em nível nacional. A Itália se consolidou nessas décadas, até 1976, como uma república congelada. Apesar de eleições ocorrerem, somente um partido podia manter o poder nacional (o DC). A estrutura inteira era orientada para manter o PCI fora do poder, já que ele era considerado, tanto pela elite política italiana quanto, e talvez ainda mais importante, pelos americanos, incapaz de governar. Os eventos de 6 de janeiro nos EUA podem abrir uma

oportunidade para o Partido Democrata desenvolver uma política análoga vis-à-vis os Republicanos. Como isso se funcionaria?

Os Democratas se consolidariam como uma ampla coalizão que iria do SDA (Socialistas Democráticos da América) até os Republicanos do Lincoln Project. As correntes seriam mantidas juntas pelo relativamente raso programa de “democracia multirracial” oferecido como uma alternativa à multidão MAGA (Make America Great Again). A facção radicalizada do partido Republicano concorreria, em suas fortalezas vermelhas nos estados das planícies e a parte superior do Sul, virtualmente sem oposição em nível local: um análogo invertido da “Red-Emília”. (O Sul profundo, o velho *Cotton Belt*, está mudando rapidamente; provavelmente não será uma fortaleza republicana por muito mais tempo.) O centro de gravidade econômico do PD (Partido Democrata) vai mudar ainda mais para a direita ao caçar votos em subúrbios afluentes com sucesso ainda maior. O resultado do *centrismo all’americana* seria diminuir muito as perspectivas eleitorais de Republicanos e, ao mesmo tempo, apagar a jovem esquerda SDA. Mas há um problema. O sucesso da coalizão do DC foi ultimamente baseado no “Milagre Econômico” dos anos pós-guerra. Biden chega ao poder em um cenário de luta distributiva de intensidade feroz e crescimento lento. Existe também uma diferença pessoal: Scranton Joe não é Alcide De Gasperi.

## 9

*Classe.* O tedioso debate sobre se raça ou classe é o fator mais importante para entender a política americana se arrasta com pouca clareza ou resolução aparente. Do lado dos neokautskistas ouvimos a defesa de que um apelo aos interesses econômicos dos trabalhadores (nunca conceitualmente especificados) irá, em todos os casos, prevalecer sobre apelos culturais à branquitude. Infelizmente, afirmam eles, o Partido Democrata, por causa de sua estupidez ou covardia, nunca faz esse apelo de modo suficiente e, portanto, repetidas vezes sabota seus interesses eleitorais. Do outro lado, ouvimos que a política americana sempre foi “sobre raça” e que a direita americana em particular é baseada em um apelo à supremacia branca. Cada lado nessa disputa tem sua ciência social: os estudos acadêmicos que pretendem mostrar que a classe ou a raça é a chave para compreender a base eleitoral de Trump em particular.



Mas o que são classes? O que são raças? Esses problemas conceituais básicos são relegados ao lamaçal cognitivo do jargão político cotidiano. As classes normalmente são identificadas com algo econômico: e, ultimamente, com grupos de renda. (Daí a observação, comum entre progressistas, de que os eleitores de Trump tem uma média de renda mais elevada que seus homólogos Democratas e, portanto, o Trumpismo não tem uma base de “classe-trabalhadora”; isso é baseado na confusão entre posição de classe e renda de modo que, por exemplo, os profissionais jovens possam parecer ser mais “classe trabalhadora” que homens de meia idade trabalhando com manufatura.) As raças, em contraste, têm algo a ver com cultura e identidade. Mas essas formulações são inadequadas. A classe como um campo político magnético subjacente pode ser organizado, no nível da sociedade civil, o “primeiro nível da superestrutura”, como diria Gramsci, de diferentes modos. Dois são de significância particular. A luta de classes pode ser organizada como disputas entre alianças de posições de mercado; alianças que terão uma forte tendência a se consolidar como “raças” – por exemplo, trabalhadores do Norte e capitalistas no final do século XIX nos EUA, que se juntaram como um bloco nativista branco contra a competição de bens e pessoas de outros países – mas também pode tomar formas, como afinidade religiosa (como na coalizão DC na Itália) ou identidade nacional ou regional. Ou a luta de classes pode ser organizada como um conflito entre posições antagônicas nas relações de exploração.

Uma conclusão importante é que a raça – longe de ser uma alternativa à classe, ou uma “dimensão” transversal – é um possível, de fato provável, modo no qual a luta de classe se organizará no nível da sociedade civil. Como sempre em debates desse tipo, a formulação adequada deve sempre romper com a imediatividade dos termos nos quais a discussão é posta. Assim, se concluímos que a identidade racial explica um aspecto da política, a próxima pergunta sempre deve ser, “Porque a luta de classes tomaria a forma de uma disputa entre raças nessa questão particular, nesse momento particular, nesse lugar particular da história?” Por outro lado, se a luta de classes assume a forma de uma disputa entre grupos travados em relações antagônicas de exploração no nível da sociedade civil, isso também precisa ser explicado. É, afinal de contas, só uma possível, e talvez improvável, organização da luta de classes. Em todo caso, é sempre uma questão de tratar uma dada estrutura política como uma forma de aparência. É por isso que a análise de classes nunca pode ser reduzida a uma explicação substantiva; ela é também uma posição metodológica: uma que defende que a realidade nunca é inteiramente explicada pelo que está dado.

## 10

*Beleza/dor.* Talvez se pense que a pura beleza física de um lugar, com seu pôr do sol estonteante, no qual a luz pinga morro abaixo como ouro líquido, com seu céu azul assustador e uma vista do oceano que é de tirar o fôlego, faria com que as coisas fossem mais fáceis de suportar; em vez disso, parece que a natureza zomba da nossa dor.

## 11

*Sociologia.* Qual é a relação entre sociologia e marxismo? Para os parsonianos ou teóricos da modernização em geral – uma categoria que em relação a essa pergunta inclui a vasta maioria dos sociólogos – ela é uma categoria de superação. A sociologia substituiu o marxismo como ciência como a ciência substitui a religião no esquema de Comte. Para o neomarxismo, seguindo a liderança de Lukács em *A destruição da Razão*, a sociologia é na verdade uma reação ao marxismo: uma contraciência totalizadora provocada pela teoria de seu inimigo de classe. A sugestão de Burawoy a esse respeito é interessante: a sociologia deveria ser vista como estando dentro do marxismo. Mas essa tese requer elaboração. O marxismo é fundamentalmente uma explicação da sucessão de modos de produção com uma ênfase particular no capitalismo. Sua sociologia, no entanto, é mais uma reflexão posterior. As classes e suas lutas são importantes primordialmente porque providenciam um mecanismo de revolução. Mas a relação de grupos humanos “fenomenais” e os lugares básicos determinados pelos padrões fundamentais de exploração em uma sociedade é extraordinariamente difícil de especificar.

As afirmações de Marx sobre a simplificação da luta de classes com o desenvolvimento do capitalismo não poderiam ser mais enganadoras. Foi Gramsci que observou a questão básica com mais clareza. O desenvolvimento do capitalismo não leva à aparição de classes no nível político. Na verdade, aí emergia todo um novo e massivo nível “superestrutural” que constitui um plano de experiência imediata feita de grupos caleidoscópicos giratórios. A realidade de classe agora retrocedia atrás dessa tela de falso pluralismo que constitui o mundo social fenomenal. (Devemos sempre lembrar que Gramsci é um pensador especificamente pós-bersteiniano e pós-soreliano.) A tarefa da política é, em primeiro lugar, reorganizar esse mundo experiencial/político como um

mundo de classes: fazer o campo “numenal” da estrutura convergir com o campo “fenomenal” da sociedade civil. Qual é, então, o lugar da sociologia, e em que sentido ela está contida no marxismo? Sua tarefa é estudar a sociedade civil como uma configuração particular ou forma aparente de posições estruturais básicas nas relações de exploração do capitalismo; nesse sentido, o marxismo pode ser mais bem entendido como, entre outras coisas, a “autoconsciência” da sociologia, no sentido que identifica as condições de possibilidades da sociologia (a emergência da sociedade civil no nível da superestrutura). Isso é verdade independentemente dos próprios sociólogos, que são como uma tribo um tanto hostis ao que entendem como marxismo (que geralmente quer dizer apenas uma teoria substantiva dentro da sociologia), compreendem essa relação.

## 12

*O Sul.* Lembro-me daquele estranhamente saudável cheiro de cura de tabaco em um velho celeiro de Kentucky, onde a luz do sol deslizava pelas frestas das tábuas, iluminando pela metade as folhas que penduradas nas vigas. Silencioso e com o telhado alto abobadado como a Catedral de Chartres, e sagrada como ela também. Lembro-me daquela bebida doce, xaroposa e marrom, com um limão picante que mamãe chamava de “chá doce”. Lembro-me de Ransom, selvagem, livre e risonho, que me encorajou, ou assim conta a lenda de família, a comer uma cebola crua, recém tirada da terra, e, por isso, não gosto mais de cebolas. Alguns anos depois, nos mudamos da fazenda Maddox para Louisville, lembro-me do semblante pálido de um homem buscando sua filha – ela o odiava – na minha escola primária. Era o começo da era Reagan, e nessa época podíamos identificar um político, banqueiro ou vendedor de seguros pelo seu signo indumentário: suas calças de burro, um cáqui que não combinava, exemplificando complacência e ganância. O homem era Mitch McConnell, o típico pai colarinho branco medíocre, apesar de que suas camisas feias normalmente eram azuis, se não me falha a memória; todos nós nos sentíamos muito mal pela Ellie ser confiada a um pai daqueles. Difícil imaginar uma figura mais fora de lugar na fazenda Maddox, e, no entanto, eles provavelmente votaram nele: seu oposto em todos sentidos. Esse é o dilema de grande parte da política rural nos EUA. Poderíamos pôr da seguinte forma: quando os caipiras produzirão um Bernie? Não um fac-símile barato como aquele intolerável parasita de Arkansas, mas um agrário verdadeiramente radical, um Tom

Watson antes de sua virada obscura? Talvez agora seja tarde demais, mas se a história recente nos ensinou alguma coisa é que a “questão agrária” ou a “questão sulista” ou seja como conjugemos “a aliança entre a classe trabalhadora e a classe camponesa” para adequar ao nosso momento presente, é de atualidade urgente.

### 13

*Prática.* Para os grandes teóricos da Terceira Internacional (Gramsci, sobretudo), o partido, o partido Comunista, tinha uma significância intelectual difícil de se apreender na perspectiva dos dias de hoje. Problemas que hoje aparecem nas ciências sociais como puramente metodológicos, como a questão da interpretação (a relação entre categorias científicas e categorias leigas), ou a questão da causalidade, eram tratadas por homens como Gramsci como problemas políticos. Por exemplo, em Gramsci a interpretação aparece como problema de como traduzir o marxismo em uma linguagem popular de classe, bem como traduzir a linguagem popular de volta ao marxismo. Essa é uma questão política: é uma questão de como desenvolver a consciência de classe como a consciência da classe. Similarmente, Gramsci tratou o assunto da causalidade como questão de estratégia revolucionária. As hipóteses foram testadas não por meio de análises de regressão, mas por meio da história de sucessos e fracassos da estratégia do partido. (É por isso que a história dos partidos tem tanta importância para Gramsci.) A grande vantagem intelectual dessa abordagem é que, ao traduzir dilemas metodológicos em problemas políticos, eles emergem em formas solucionáveis, mesmo que não sejam resolvidos. Uma lição importante pode ser extraída dessa experiência histórica. Todos, ou a maior parte, dos problemas metodológicos nas ciências sociais são, na realidade, problemas políticos colocados em uma forma mistificada e, portanto, insolúvel. (Isso só pode ser considerado como uma nota promissória aqui.) A conclusão, por mais paradoxal que soe, é que as pretensões científicas da sociologia e disciplinas aliadas a ela só podem ser realizadas no contexto de uma agência política militante (o partido), que pode testar de fato as hipóteses que tais disciplinas apresentam. Poderíamos pôr isso da seguinte forma; entre observação e experimentação existe um método geral mais apropriado às ciências sociais: a política.

## 14

*Realidade.* “Nessa casa nós acreditamos que a ciência é real”. Essa placa é onipresente em bairros progressistas mais afluentes ao redor da Bay Area e, presumivelmente, ao redor do país. A ironia é inconsciente? Será que colocadores de placa não sabem da absurda justaposição de crença e ciência, ou que a última é, presumivelmente, definida por sua independência da crença? Ou será que essa posição é mais sofisticada? Talvez o que a placa diga é que “nessa casa” estamos cientes de que acreditar na realidade da ciência é uma crença como outras, mas escolhemos acreditar nela; de qualquer forma, todo um conjunto de oposições simbólicas que muita teorização no século XX parecia querer desfocar reemergiram com força política considerável: fato/opinião, religião/ciência, subjetivo/objetivo. Mas qual a linha de demarcação entre esses termos? Essa pergunta raramente é colocada, especialmente em discussões nas quais a mídia lamenta o declínio de jornalismo baseado em fatos e a expansão da opinião.

Mas fatos são afirmações sobre o estado das coisas, e como tais, são falíveis. As opiniões, por outro lado, são, por sua própria forma, baseadas em uma visão do caso em questão, e, portanto, não podem ser meramente privadas ou subjetivas. Mas uma das características da cultura americana, particularmente no nosso momento atual, é que “fatos” e “opiniões” são concebidos como se existem em oposição direta. Cada um em sua esfera. Isso leva, por um lado, à estúpida admiração por quantidades de tipos diversos. As formas que isso assume são várias e familiares: médias de rebatidas, porcentagem de tiros, capacidades de tanques, índices de quantidade e citações. A ligação que falta entre os dois é a racionalidade crítica, especialmente quando aplicada à política. Porque isso levaria à ideia nada americana que a sua visão política pode estar equivocada; uma frase que se lê como um erro categórico na terra da liberdade.

## 15

*Pessoas comuns.* O posicionamento de Alexandria Ocasio-Cortez sobre o caso GameStop, projetado por um grupo de pequenos investidores organizados em um subreddit, exemplifica algumas das grandes fraquezas do socialismo democrático americano. A deputada criticou Robinhood, a plataforma de negociação online que os

subredditors estavam usando, por limitar as transações depois de emergir uma bolha obviamente advinda de especulação, que sobrevalorizou a decadente GameStop, cujas lojas são principalmente físicas. AOC (Alexandria Ocasio-Cortez) defendeu, em um tweet, uma investigação sobre a Robinhood, e rapidamente recebeu o apoio indesejado de Ted Cruz e Newt Gingrich. (Curiosamente, Elizabeth Warren teve uma reação muito mais ponderada, citando os eventos como evidências de problemas sistemáticos e pedindo uma maior regulação do mercado de ações.) O que explica a estranha reação de AOC a esses eventos? Em suas palavras, “As pessoas estavam sentindo que pessoas comuns eram capazes de se organizar coletivamente e dar o troco àqueles que historicamente dão as cartas em Wall Street”.

Os problemas aqui são ao mesmo tempo conceituais e políticos. “Pessoas comuns”, você quer dizer o multimilionário que foi um dos iniciadores do esquema? “Organizar coletivamente”, você quer dizer um esquema para forçar a valorização artificial de ações, um processo que inevitavelmente levará investidores de menor escala à ruína? E “aqueles que historicamente dão as cartas em Wall Street”, como se o problema fosse a distribuição das “cartas” e não o sistema absurdo de aposta por meio do qual uma porção considerável do excedente social do país, do mundo todo, é alocado. A posição de AOC não é idiossincrática; na verdade, ela expressa um problema mais profundo: o quadro basicamente legalista dentro do qual a nova esquerda social democrata americana como um todo se move. Essa esquerda concebe a injustiça e desonestidade como falha fundamental da sociedade americana: poder monopolizado, riqueza concentrada, um sistema político manipulado.

Todas essas ideias estão concentradas no termo “justiça social”. O problema desse diagnóstico, essencialmente forense, é que todas suas demandas são perfeitamente compatíveis com a propriedade privada dos principais ativos da sociedade, assim como, mais importante, a determinação privada das decisões de investimento da sociedade. Para evitar emaranhados bizarros e falsas alianças, a esquerda dos EUA deveria falar muito menos sobre tornar a sociedade “mais justa” (uma noção confusa e basicamente pequeno-burguesa) e muito mais sobre como tornar a sociedade mais racional. Afinal de contas, a meta de todo socialista sério não é a subordinação de processos de segunda natureza, e nos nossos tempos deveríamos adicionar a brutal vingança da primeira natureza também, à

vontade da humanidade? Como pode a grandeza desse projeto caber no quadro limitado da justiça? É como colocar uma baleia azul em um aquário.

## 16

*Ensino Online.* É estranhamente pessoal. O toque suave, o azulejo colorido as vezes substituído por um rosto, as vezes não. Pedacos da vida doméstica invadem (gatos, cachorros, louça para lavar, roupa a dobrar). Esses são normalmente excluídos da sala de seminário ou auditório. Uma suavização da relação pedagógica inevitavelmente ocorre, dos dois lados. Professores e alunos agora estão unidos no reconhecimento comum da sua condição absurda. “Fui pouco claro?” Um bate-papo vai corrigir a situação, criando um vínculo novo e mais informal com meus alunos. “Eles estavam um pouco hesitantes e inarticulados?” Mas talvez seja uma conexão ruim, ou a incapacidade de se libertar inteiramente da esfera íntima que eu pareço estar invadindo. A conversa por vídeo parece demandar generosidade recíproca: em si, talvez, não seja algo ruim.

Mas talvez haja outro lado para toda essa “mistura de esferas”, usando um termo coloquial de modo ligeiramente diferente. Como um experimento de violação, ou caso negativo, ele lança uma aguda luz retrospectiva nas pré-condições e propósito da organização física do ensino. Pense no massivo trabalho por trás da copresença pontual de uma sala de aula: transportes, organização de agenda, manutenção da estrutura, prestação de serviços. Um minúsculo pacote de proteína auto-reprodutivo. Mas para que? Para que serve o espaço físico de ensino de uma universidade? (As crises nos forçam a encarar as questões realmente centrais.) Ela é uma enorme estrutura criada temporariamente para suspender determinações sociais por meio da criação de inúmeras esferas públicas. É claro, ela falha de incontáveis maneiras; mas esse é o propósito da copresença. A ameaça mais básica posta pelo ensino mediado por vídeo não é que ele transforma a comunicação com alunos mais distante ou difícil; é que ele dissolve a fronteira entre mundo cotidiano e mundo do pensamento. A sala de aula ou auditório é a estrutura material que mantém essa fronteira, e como tal, é uma pré-condição indispensável para o processo crítico-racional se desenvolver. A ameaça, resumindo, que o atual modelo de mediação tecnológica representa para o ensino não é que ele afasta excessivamente alunos e professores, mas que paradoxalmente os aproxima demais e, como foi dito, do modo errado.